



Memórias de Pesquisa

*“Um país na fossa” - Exposição de charges no XXI CMD – Fortaleza-Ceará, 23 a 25 de agosto de 2017.**

"A country in the pit" - Exhibition of cartoons in XXI CMD - Fortaleza-Ceará, August 23 to 25, 2017

Por Gil Brito (Givanildo Brito Nunes)**

Fossa. É esse o sentimento que permeia cada pixel das imagens que você vê nesta exposição. Mas, por se tratar de uma gíria em desuso (foi muito utilizada nos anos 60 e 70 do século passado), é preciso explicar que, em seu sentido figurado, o termo “fossa” traduz um sentimento de “angústia existencial”, algo como um desencanto momentâneo, causado por eventuais decepções.

Mas há o outro sentido, o literal. Aquele em que a palavra fossa, de acordo com o velho e esquecido “pai-dos-burros”, o Aurélio (aqui consultado por meio do atual “pai-dos-burros”, o Google), define “fossa” como “cavidade subterrânea para depósito de imundícies” – e isso inclui toda sorte de sujeira, incluindo restos de comida e lixo doméstico, e até aquilo que dizem que a vida é – ou que pelo menos, está.

Portanto, uma palavra que une a nós brasileiros, ou parte de nós (talvez seja a única palavra, hoje, capaz de nos unir), é essa:

fossa. E em ambos os sentidos, o figurado e o literal. Porque não se trata de dizer que o país está na fossa. Trata-se de afirmar que o país, hoje, é a própria fossa, como mostra uma das charges. O país não está no buraco – ele é o próprio buraco. E nós, brasileiros, estamos aqui dentro, tendo de conviver com os dejetos que foram e continuam a ser despejados nesta paradisíaca cavidade subterrânea.

Um buraco que parece não transbordar, já que é impossível identificarmos o fundo. Há sempre um novo fundo falso, mais embaixo, mais embaixo, mais embaixo...

Mas esta conversa está “de fossa” por demais. E, apesar de a proposta da exposição ser a de sintetizar e traduzir mesmo esse sentimento, não se quer aqui pregar a resignação ou o desencanto que se traduz em conformismo. A exposição se vale do humor para sintetizar a atual situação política e social brasileira, porque, como muitos já disseram, uma das características do humor é que, aquilo

* Recebido em: 20.09.2017. Aprovado em: 20.11.2017

** Email: gilbritonunes@gmail.com



que é engraçado hoje, pode ter sido uma desgraça ontem. E, se se tornou engraçado, é justamente porque os efeitos dessa antiga desgraça foram superados.

É pretensão ou pieguice demais dizer isso agora a respeito da situação do nosso país – que vamos simplesmente superar tudo isso em breve. Mas nos recordamos de que, no decorrer de nossa história, muitas canções foram feitas “na fossa”. E resultaram em belíssimas traduções dos sentimentos humanos, incluindo nossas fraquezas e glórias das quais nem todos nos orgulhamos, mas que compõem a estrutura de nossa humanidade tupiniquim.

Portanto, se as “desgraças” brasileiras, que parecem ter se avolumado em quantidade maior num tempo recente que culmina neste ano, ainda estão “quentes” e exalam o odor característico do interior das fossas literais, acreditemos então, pobres de nós, que, se estas charges nos fizerem rir em algum momento, talvez seja um sinal de que estamos conseguindo começar a superar o contexto que as motivou – embora esteja claro que ainda vamos sentir os efeitos desse tal contexto por muito tempo...

“Rir da própria desgraça” é um dos inúmeros clichês que se produziram sobre nós, brasileiros – e, sobretudo, sobre os que nasceram neste belo, cômico e árido Ceará. Talvez seja um clichê verdadeiro, levando-se em conta que, na atual realidade nacional, há fartura de material (e dá-lhe repetições em “AL”...)

para humoristas, comediantes e chargistas em geral (eita, mais uma...).

Mas aqui também se acredita que o riso é capaz de nos fazer pensar. E que, se deixamos de achar graça em alguma coisa, talvez seja porque aquilo já nos incomoda (vide piadas racistas, homofóbicas, misóginas...). Em outras palavras, trata-se de amadurecimento. Então, se estas charges provocarem algum tímido sorriso em você, que essa reação venha acompanhada de uma reflexão a respeito do que está ali retratado, embora com humor. Afinal, foi para isto que elas foram feitas.

Enfim, seguindo a lógica das belíssimas canções feitas “na fossa”, o nosso sincero desejo é de que a tragédia da atual “fossa” brasileira, com o tempo (um tempo que talvez não testemunhemos), inverta-se e comece a criar pretextos irreversíveis para que se instaurem novas relações sociais. Relações essas que, se não podem ser tão belas e tocantes quanto várias dessas lindas canções “de fossa”, pelo menos não agridam, não excluem, nem desprezem a grande maioria dos brasileiros, que sequer sabem do que estamos falando aqui.

Em regra, as canções “de fossa” – muitas delas trágicas – eram canções de amor, compostas em situações de intenso sofrimento, geralmente causado por alguém que, contraditoriamente (ou não), era a principal inspiração para essas canções. E nós amamos este país que nos deixa “na fossa”.

Em suma, que estas charges ajudem a manter viva, ainda que através do riso, a nossa indispensável capacidade de nos indignarmos. E, como dizia João Saldanha (um eterno indignado que, neste ano, completaria 100 anos), “vida que segue”.







